

DEBORAH SMITH

MILAGRE

Tradução de Elsa T. S. Vieira

Prólogo

– Vocês matam-me de medo. A sério, aterrorizam-me – disse Amy Miracle, com o sotaque arrastado da Georgia a prolongar cada palavra.
– São todos tão... *normais*.

O público era composto por pessoas bem vestidas dos subúrbios. A maioria delas riu-se, como era suposto. Dentro das calças elegantes de seda cinzenta, compradas em segunda mão numa loja extravagante de Hollywood, os joelhos de Amy tremeram um pouco menos. As luzes fortes do palco pareciam-lhe demasiado quentes e tinha a nuca transpirada por baixo do cabelo. Vestira um casaco encarnado largo por cima da blusa branca porque não queria que ninguém visse o tecido colado debaixo dos braços, onde gotas de suor lhe escorriam pelos lados do corpo.

Não estava a brincar quando falara em medo. Sentia-se como um morcego a voar numa gruta escura, a emitir vibrações nervosas pelo clube apinhado, de modo a tentar recolher informação suficiente para não voar contra uma parede. No entanto, já tinha aprendido a usar o medo a seu favor.

– Ter medo de tudo é uma atitude inteligente – continuou. – Só as pessoas estúpidas é que pensam que não faz mal relaxar. – Para lá da beira do pequeno palco, algures entre as mesas cobertas de garrafas de vinho e aperitivos, um bêbado soltou uma risada sonora. Amy continuou sem qualquer pausa. – Aí está uma delas.

Experiente nestas situações, esperou que os aplausos e risos comessem a dissipar-se. Céus, como ela sabia esperar! Demorara anos a chegar ali. Fingiu observar o pequeno coração tatuado no pulso e franziu a testa com ar pensativo.

– Têm de compreender que tive uma infância diferente. Difícil. Para o meu pai, um centro de entretenimento doméstico era uma parede coberta

de armas e um frigorífico cheio de cerveja. Mas não era má pessoa. Quando eu me esquecia de arrumar o quarto, dizia: «Não faz mal. Desta vez levas só um abanão.»

Agora lançada no ritmo do seu número, olhou para o público com uma expressão ensaiada de desorientação.

– Ser mulher também causa medo. Coisas como ir ao ginecologista. Eu transformo-me sempre na Olívia Palito assim que entro no consultório. – Fez a sua imitação de Olívia Palito, com as mãos no peito e um ar chocado, e lamentou-se em voz esganiçada: – Oh, meu Deus, ai, ai, ai! Se o Popeye não tivesse comido os espinafres, não estaria metida neste sarilho!

Uma vez que a sua voz natural já era invulgar, adaptava-se na perfeição à personagem. Agora havia muitas pessoas a rir. Amy inclinou-se para o microfone como se ela e o público fossem companheiros numa conspiração. Uma conspiração contra todas as coisas feias, estúpidas e absurdas do mundo.

– As mulheres têm bons motivos para serem desconfiadas e para terem medo. Vejam como toda a gente nos mente. Por exemplo, nos anúncios de produtos de higiene íntima. Uma adolescente muito querida pergunta à mãe: «Mamã, não tens dias em que não te sentes... tão *fresca* como tu gostarias?» Quero a verdade! Quero ouvir essa miúda perguntar: «Mamã, nunca te sentes... como um peixe que está fora de água há demasiado tempo?»

As mulheres no público soltaram gargalhadas estridentes. Os homens riram-se, rostos escondidos atrás das mãos, enquanto acenavam com cabeça. A parte da higiene íntima era sempre decisiva. Fazia com que o público passasse a fronteira entre a expectativa cautelosa e um nível de camaradagem afetuoso. A batalha estava meio ganha. O pior já passara. Amy ouviu os risos e suspirou de alívio. Todas as noites melhorava. Aquilo era uma tortura, mas ela adorava. Valia a pena, valia o esforço árduo de cada passo.

– Bom – acrescentou, com uma pausa pensativa –, como eu costumo dizer, se não conseguirmos rir de nós próprios, o melhor é rirmos dos outros.

Deu-lhes mais cinco minutos, sempre em crescendo, sem lhes dar descanso, a controlá-los, a *liquidá-los* e a gozar aquela sensação de poder que só sentia em cima do palco. Quando a luz vermelha começou a piscar na parede do fundo do clube, indicando que o tempo dela terminara,

deu-lhes mais um minuto e soube que aquela fora a sua melhor atuação de sempre.

Saiu do palco minúsculo embalada pelos aplausos entusiásticos e pelos gritos do público, que pedia mais. Quase sem tocar no chão, entrou num estreito corredor com as paredes cobertas de fotografias de comediantes, alguns famosos, muitos que ela conhecia pessoalmente, alguns que considerava seus amigos.

O próximo a subir ao palco, um jovem com cicatrizes de acne e um sorriso afetado, estava à espera no corredor.

– Nada mau. Obrigado por os teres aquecido para mim. – Virou o fantoche que tinha na mão para o peito dela, com malícia.

– Tu e o Wally, a Mão Maravilha, precisam de toda a ajuda possível. Não amarrotas a blusa, é um modelo original do Kmart da esquina.

– Ah, deve ser tão bom ter muito dinheiro.

– Sim, claro. Só espero que na próxima encarnação os multibancos não entrem em modo de autodestruição sempre que me virem.

– Como se eu acreditasse nisso. Tu escreves para o Elliot Thornton.

Amy fez uma careta mas não contestou. Havia vários outros comediantes encostados no corredor, à espera da sua vez de ganhar vinte e cinco dólares a entreter o público de terça-feira à noite. Olharam-na com um misto de desdém e admiração porque pensavam que Elliot a apoiava, mas principalmente porque, nos últimos tempos, ela dominava a sala.

Amy desejou-lhes boa sorte com o polegar para cima e afastou-se. Nenhum deles sabia o que ela passara para chegar onde estava – àquele pequeno e vulgar clube de comédia suburbano, a cinquenta quilómetros de Los Angeles. Não sabiam que ela estava a pôr em risco a sua frágil autoestima de cada vez que subia ao palco.

Dirigiu-se ao bar e pediu um copo de *Château de Savin Fumé Blanc*. O gerente começara a servir esse vinho depois de ter provado uma garrafa que ela lhe oferecera: a marca era cara, mas valia a pena. Meio a brincar, perguntara a Amy se era enófila. Por acaso, sim, embora aquele vinho fosse também uma escolha sentimental. Encostou o copo frio à testa e lembrou-se. Mesmo passados tantos anos, era sempre tão fácil.

Sebastien de Savin fora o único que sempre acreditara que ela era especial. Gostava de saber onde estaria agora, dez anos depois, e também que Sebastien soubesse – e quisesse saber – onde ela chegara.

Primeira Parte

Capítulo 1

Georgia, 1980

Encolheu-se debaixo do lençol só mais um minuto, agarrada à tranquilidade da manhã de julho, e pensou como seria bom que o pai não a tivesse arrancado da cama às duas da manhã para limpar o frigorífico. Já era difícil lidar com as loucuras dele durante o dia. Se pelo menos ela conseguisse fazer as coisas bem. Se não fizesse tantas asneiras. Se conseguisse agradar-lhe.

Quando abriu os olhos sentiu um aperto no estômago. O cansaço e a sensação de medo eram companheiros familiares de longa data, apurados e refinados ao longo dos anos. Agora faziam simplesmente parte dela, como a necessidade de sonhar acordada e o medo de ser ridicularizada.

O rádio ganhou vida na mesa de cabeceira de pinho barata. Com a pele húmida e peganhenta do calor matinal, afastou o lençol e abanou a barriga com a *t-shirt* que tinha vestido.

– Toca a acordar, Georgia – ronronou o locutor da rádio. – Estão vinte e cinco graus aqui em Athens e vinte e seis em Atlanta. Preveem-se trinta e cinco. É tarde de mais para se baldarem. Está na hora de ir trabalhar. Podiam ter ido ao Lago Lanier hoje. Podiam ter dito ao patrão que estavam doentes, enchido a velha geleira e fugido para a beira de água. Mas *nãããooo*.

Ainda ensonada, Amy sorriu. Gostava quando o locutor fazia a sua imitação de John Belushi. Ela própria conseguia imitá-lo bastante bem – e sabia de cor a maior parte dos números clássicos do *Saturday Night Live*. O pai dizia que o programa era uma porcaria, mas ela via-o desde

a primeira vez que fora para o ar, cinco anos antes. O pai achava que todos os programas de televisão de que ela gostava eram lixo. Segundo ele, não havia qualquer tradição.

O que o pai queria realmente dizer, pensou, era que já não havia lugar para *ele*: já não existiam programas de variedades onde velhos palhaços de circo tivessem cinco minutos para os seus números, ainda inspirados no *vaudeville*. Às vezes ela desejava que o programa de Ed Sullivan ainda estivesse no ar, pelo pai. Desejava qualquer coisa que o impedisse de fazer os seus discursos embriagados a meio da noite.

Enquanto o locutor continuava a falar sobre assuntos da atualidade, levantou-se e abriu a janela. A relva aparada do quintal estava coberta de orvalho e banhada por uma luz turva. Ouvia um galo a cantar e o som distante dos camiões na autoestrada, a alguns quilómetros dali. Um raio de sol incidiu no galinheiro comprido e estreito no cimo da colina suave, atrás do quintal. Maisie, a sua madrastra, corpulenta e estoica, de cabelo grisalho, estava a subir o caminho para ir dar comida às galinhas.

–... então *quem é* que matou o J. R.? – terminou o locutor, com uma risada. – O Ronald Reagan assegura que foram os democratas. Se for eleito em novembro, o Ronnie promete transformar o rancho de South Fork num lar para velhas estrelas de cinema. O macaquinho Bonzo precisa de um quarto.

Amy anotou mentalmente a piada. *Resultaria melhor se ele tivesse trocado a ordem das frases*, pensou, embora sem saber bem porquê. Era instinto, o mesmo instinto que a fazia arquivar todas as histórias engraçadas que ouvia. Prestava atenção a coisas em que mais ninguém reparava. Era uma cabeça no ar, dizia o pai.

Amy olhou para o relógio e vestiu-se depressa. Uma das vantagens de ser magra e de estatura média era que as roupas lhe ficavam exatamente como deviam ficar. Não tinha de olhar para o espelho para saber que estava bem arranjada e normal, com os calções de ganga largos e uma *t-shirt* desportiva branca imaculada, com um bolso no peito no qual Maisie aplicara flores.

Calçou peúgas pelo tornozelo e ténis tão limpos que reluziam. Deixava para o pai a excentricidade da família. O que ela queria, mais do que tudo, era ser normal. O mais normal possível. Tapou a tatuagem no pulso esquerdo com um punho elástico branco.

Depois de pôr os óculos escuros pretos enfiou um par de luvas de trabalho no bolso de trás, prendeu o cabelo acobreado e curto dentro de um grande chapéu de palha, pegou na bolsa de pano e dirigiu-se à porta do quarto. Por um momento ficou ali parada, a olhar distraidamente para os galhardetes desbotados da equipa de futebol do liceu na parede de madeira falsa. Como de costume, tinha o coração acelerado. Depois respirou fundo e saiu do quarto.

Farejou o ar e suspirou de alívio. Sentia-se o odor doce e pungente da marijuana. Assim sendo, estava tudo bem com o pai, ou, pelo menos, tudo calmo. Quando chegou à cozinha encontrou-o sentado à mesa, o corpo alto dobrado sobre uma tigela de cereais. Lavara-se e fizera a barba e estava apresentável, com umas bermudas velhas e uma *t-shirt*. O cabelo ruivo, já a ficar grisalho, ainda estava húmido do duche. Prendera-o num comprido rabo de cavalo.

– Doem-te as costas? – perguntou ela, aproximando-se do frigorífico o mais naturalmente que conseguia. Ele grunhiu em assentimento. Amy abriu a porta do frigorífico branco. Lá dentro, o metal e o plástico reluziam, depois da limpeza que ela fizera a meio da noite. Ainda lhe doíam os dedos da força com que agarrara a esponja. O frigorífico não estava muito diferente *antes* da limpeza. Não precisava de uma limpeza. Por isso é que ela adiará essa tarefa alguns dias. Bem-vindos a mais um episódio no mundo louco do papá.

O *Saqueador da Meia-Noite* era a alcunha que ela lhe dera, anos antes. As suas manias surgiam depois de escurecer, como as baratas. O primeiro assalto tivera lugar pouco depois de o pai se reformar do circo. Amy lembrava-se de ele lhe ter ordenado:

«Toca a saltar da cama!»

A luz do quarto estava acesa e ela semicerrara os olhos, a princípio confusa e depois assustada ao ver que ele tinha o revólver na mão caída ao lado do corpo.

«O que se passa, papá?»

O pai agitara a mão da arma em círculos embriagados.

«Levanta-te! Sua inútil de merda, levanta-te!»

E assim, numa noite gelada de fevereiro, Amy tivera de andar para trás e para a frente entre a casa e o monte do lixo, vestida apenas com o pijama de ursinhos e um casaco, carregada com sacos cheios de cinzas e fuligem.

O erro que provocara o pai nem sequer fora dela. Maisie esquecera-se de limpar a lareira nesse dia; o pai descobrira o deslize algumas horas depois de ela já estar a dormir. Maisie, com um pedido de desculpas estampado no rosto, e Amy, assustada e trémula, tinham tratado disso às três da manhã. No dia seguinte, Amy fizera um teste de Matemática no qual tivera negativa. Andava no terceiro ano, na turma da professora Whitehead, e já estava atrasada em relação aos colegas.

A professora Whitehead nunca lhe perguntara se se passava alguma coisa em casa, mas, se tivesse perguntado, Amy não lhe teria contado a verdade, por vergonha. Embora não percebesse bem o que se passava, desconfiava que mais ninguém no terceiro ano tinha um pai como o dela. Num mundo de agricultores, vendedores de tratores e operários fabris, Zack Miracle era embaraçosamente único. A partir dessa noite de fevereiro, Amy passara a ter negativa em muitos testes.

O fumo do charro do pai estava a deixá-la um pouco tonta. Tentou não respirar enquanto tirava a lancheira do frigorífico e o fechava.

– Até logo, papá. Desculpa se te aborreci ontem à noite. Tenta descansar.

Ele mastigou os cereais e olhou para ela com ar ensonado, mas sem maldade. Dormia o dia inteiro e passava a noite a pintar quadros a óleo sobre a vida no circo, que às vezes vendia em feiras de artesanato. Também cuidava da sua coleção de revólveres e espingardas. E bebia.

Amy tinha dezoito anos e nunca o vira fazer outra coisa, além dos poucos trabalhos que o problema crónico nas costas lhe permitia. Fazia o seu número de palhaço em festas de aniversário para crianças, convenções de negócios, qualquer outro evento para onde conseguisse ser contratado. Muitas vezes, obrigava-a a ir também, como sua assistente. Era como ser obrigada a arrancar espinhos da pata de um urso. Nunca sabia se o urso ficaria grato ou se lhe arrancaria a cabeça à dentada.

O pai olhou para ela, com o charro entre os dedos manchados de tinta, e pestanejou.

– Da próxima vez que tiver de te lembrar da limpeza do frigorífico, despejo tudo o que estiver lá dentro em cima da tua cama. Entendido?

– Entendido. – Recuou em direção à porta. – Tem um bom dia, papá querido. Prometo que nunca mais me vou portar mal.

Ele ignorou a provocação bem-humorada com um olhar azedo.

– Vais sair com o Charley logo à noite, espertalhona?

– Sim, senhor.

– Ah! É melhor casares com ele. Os teus dias de viver à minha conta estão a chegar ao fim.

Amy sentiu o estômago às voltas. Ele estava a falar a sério. Mesmo. Sempre a avisara de que, assim que fizesse dezoito anos, lhe daria um ano para se fazer à vida. Ela completara os dezoito anos em abril e a escola acabara em junho. Se tivesse sorte, arranjaría em breve um trabalho em Athens, talvez como empregada de mesa ou vendedora numa loja. Não havia muito por onde escolher, com o estado da economia, e os estudantes universitários ficavam com a maioria dos empregos de jeito. Mas, além de casar com Charley, não lhe ocorriam outras opções.

– Sabes qual é o teu problema, papá? – Sorriu com atrevimento, mas sentia as mãos a tremer por trás da bolsa e da lancheira. Provocá-lo não era inteligente, e não era essa a sua intenção. – Não tens fé em mim.

– Ganha o teu sustento. Depois logo falamos em fé.

– O Charley crê que...

– Esse tipo é um fanático religioso. Teria fé em merda de cavalo desde que fosse abençoada por Jesus. – O pai levou a mão à testa e franziu o sobrolho. – Vai-te embora. Não aguento essa tua vozinha irritante logo de manhã.

– Também gosto muito de ti, papá. – Bateu com a porta e desceu os degraus de cimento. Enfiou o chapéu de palha na pequena mala da sua velha motorizada e, segundos depois, voava pelo caminho de gravilha, entre carvalhos e loureiros. Quando chegou à estrada de duas faixas, com o asfalto descorado pelo sol, virou o rosto para o vento e deixou-o secar-lhe as lágrimas.

À sua volta, sob o sol matinal, passaram pastos verdes e pequenas quintas. Pinheiros altos e esguios ladeavam a estrada. Presos aos pinheiros, aqui e ali, havia placas com versículos da Bíblia, cartazes de «Vende-se Galinheiro» e avisos que diziam «Jesus Salva». Por aqueles lados, a esperança baseava-se em Jesus e nas galinhas. Ela e o pai não se enquadravam muito bem. Só viviam ali porque Maisie herdara dois hectares de terra e um galinheiro.

Virou para uma estrada secundária que conduzia a uma grandiosa entrada de tijolo, a partir da qual começava um caminho alcatroado. O tapete de relva cor de esmeralda, magnífico, fazia com que parecesse

a entrada de uma casa elegante em Atlanta. Num dos lados do muro de tijolo havia um letreiro escrito com caligrafia trabalhada. *Herdade Maison de Savin. Bem-vindo.*

Hectares e hectares de vinhas estendiam-se sob o sol, as latadas cobertas de folhas verdejantes. Ao fundo de cada carreiro havia roseiras, e a relva entre as videiras estava salpicada por pequenas flores silvestres amarelas. Ali, no solo da Geórgia, cultivavam-se uma dúzia de variedades de uvas, tal e qual como em França, de acordo com o administrador da casa vinícola.

A Casa de Savin adquirira os terrenos alguns anos antes. Na altura, toda a gente ficara muito curiosa por uma empresa francesa estar a comprar propriedades no meio das colinas da Geórgia, até que um seu representante explicara que o solo e o clima eram perfeitos para cultivar uvas. Os pregadores locais tinham ficado algo incomodados com a ideia de ter um estabelecimento vinícola na área, mas, depois de concluídos os trabalhos, toda a gente ficara mais deslumbrada do que qualquer outra coisa.

Numa colina, no centro dos campos, erguia-se um magnífico *château* de pedra rosa e cinzenta, com torreões, um telhado de duas águas e janelas ornamentadas. Por trás, havia um edifício baixo, de cimento, onde era feito o vinho. O *château* era só para as aparências. De momento era também onde vivia o administrador, o senhor Beaucaire. Um dia, talvez fosse transformado num restaurante e loja de vinhos. Amy admirou o cenário de contos de fadas com a reverência de uma camponesa.

Depois de estacionar a motorizada nas traseiras do lagar, colocou o chapéu na cabeça e entrou para o escritório por uma porta estreita. Os outros trabalhadores da apanha da uva já lá estavam, cerca de duas dúzias de pessoas, negros e brancos, jovens e velhos, todo o tipo de gente, desde estudantes universitários e liceais de rosto fresco a habitantes locais enrugados e curtidos, com as mãos retorcidas de tantos anos a trabalhar nos campos. Amy estava empolgada por participar na primeira colheita da empresa; gostava de poder dizer às pessoas que estava a trabalhar num *château* francês. Além disso, o trabalho da apanha da uva, embora fosse de curta duração, era bem pago. Começara na semana anterior e acabaria no princípio de setembro.

À sua volta, as pessoas calçavam luvas e punham os chapéus, em preparação para oito horas de trabalho ao calor. Tal como a maioria dos trabalhadores mais novos, Amy tirou um frasco da bolsa e espalhou protetor solar

nos braços e pernas, onde a pele clara exibia algumas sardas e um bronzeado cada vez mais intenso. O turno começava às seis e meia e acabava às duas e meia, altura em que o sol se tornava quase insuportável.

Tímida no meio de tanta gente, Amy apressou-se a guardar o almoço. No frigorífico havia caixas de presunto cozido com nabiças ao lado de iogurtes. A sua lancheira continha chocolates, maçãs e bolachas de água e sal, alimentos que não exigiam que passasse muito tempo na cozinha, onde, à noite, o pai costumava instalar-se, a beber e a queixar-se da vida. Continha também um exemplar muito manuseado de *O Hobbit*. Ela gostava de aventura e fantasia.

Amy prendeu uma garrafa de água de plástico ao cinto. Enquanto arrumava as suas coisas num armário encostado à parede, sorriu a todas as pessoas que olhavam para ela mas evitou conversas. Passara a vida inteira a tentar ser invisível; era mais seguro.

– *Allons-y!* Vamos! – O senhor Beaucaire lançou-lhes um olhar enfiado e condescendente, agitando o braço na direção da porta. Era um homem de meia-idade, de cabelo branco como a neve, com uma presença autoritária apesar das calças de trabalho castanhas e da camisa safari. Não perdia tempo com conversas e era raro falar diretamente com um dos trabalhadores temporários. Quando ele estava por perto, Amy era tão silenciosa e obediente como uma ferramenta de jardinagem que pode ser substituída sem hesitação.

Acompanhou o grupo e tentou apreciar a manhã agradável e límpida o melhor que conseguia, tendo em conta a forma como o dia começara. Estava habituada a sentir-se cansada e um bocadinho deprimida; passara a maior parte da vida isolada das outras pessoas por barreiras de vergonha invisíveis. Há alguns anos, o pai fora apanhado a conduzir alcoolizado. O charro no cinzeiro do Buick não ajudara nada, e passara alguns meses na cadeia local.

Os mexericos na escola tinham-na feito sentir-se ainda mais sozinha. Às vezes tinha pesadelos em que alguém descobria as plantas de cânhamo que o pai escondia dentro de casa. Ter amigos era impossível, porque os amigos faziam demasiadas perguntas e estranhariam que ela nunca os convidasse a ir lá a casa. Só Charley Culpepper não tinha problemas em aceitar as suas desculpas; às vezes, Amy pensava que talvez fosse por isso que ele lhe parecia tão atraente.

Entrou nas vinhas com os restantes trabalhadores. Um dos ajudantes do administrador conduziu um trator até ao fundo dos carreiros. Num atrelado comprido, atrás do trator, havia várias caixas de madeira enormes, mais altas do que Amy. Da ponta do atrelado, outro ajudante distribuiu grandes baldes brancos e tesouras afiadas entre os trabalhadores.

Amy pegou no seu balde e na sua tesoura e caminhou ao longo do carreiro, à procura de um bom sítio para começar, como se não fossem todos iguais. Estava distraída, pois os seus pensamentos estavam ocupados com a recriação das suas fantasias, e não com a decisão de qual a videira a atacar primeiro. Decidiu começar onde tinha parado na véspera.

Pousou o balde e deitou mãos ao trabalho, vagamente atenta às conversas dos outros enquanto as mãos se moviam com cuidado entre as videiras carregadas de cachos de uvas roxas-esverdeadas. E começou a fantasiar.

A bela escrava de cabelos acobreados está a trabalhar nas vinhas de um nobre romano. Ele aparece, repara nela e apaixona-se ao primeiro olhar. Obviamente, a jovem é tão corajosa como bela. Tenta falar com ela. A escrava não responde. O nobre fica fascinado. Por fim, leva-a dali e concede-lhe a liberdade. Depois fazem amor. Amy sorriu. Podia passar o resto do dia a criar os diálogos para aquele cenário sem qualquer dificuldade.

Um corte aqui, um corte ali. Tinham passado duas horas. A escrava era excelente no seu trabalho. Cortava as folhas e raminhos agarrados a cada cacho de uvas suculentas e depositava os cachos maduros no balde com movimentos graciosos.

Quando o balde ficou cheio, levou-o até ao atrelado, sem dar qualquer indicação de que estava terrivelmente pesado, e despejou o conteúdo numa das grandes caixas de madeira. Depois voltou para o carreiro e recomeçou, ajoelhada ao lado das videiras, com porte altivo. Qualquer pessoa de bom senso perceberia que ela era extraordinária e que não merecia ser uma escrava.

Estava tão absorta que só passados vários minutos se apercebeu de que alguns trabalhadores se tinham aproximado e estavam a falar em sussurros audíveis.

- Onde é que o Beaucaire encontrou *aquele* tipo?
- Parece que passou os três últimos dias bêbado.
- Aposto que é um daqueles cubanos de Gainesville. Só falta o senhor

Beucaire trazer um bando daqueles pobres miseráveis que trabalham por um dólar à hora. Ainda ficamos sem trabalho.

– Não, este não é cubano. Os cubanos são baixos e morenos. Este é moreno, mas não tem menos de um metro e noventa.

– Olha para ele! Quase nem se consegue ter de pé! Aposto que não tarda nada cai para cima das uvas! Aí é que o Beaucaire lhe mostra com quantos paus se faz uma canoa.

Fascinada com as descrições, Amy ergueu a cabeça. Os outros estavam a olhar para alguém mais ao fundo do carreiro. Esticou o pescoço para o ver.

Nos anos que se seguiram, Amy nunca esqueceria aquele momento. Voltaria a vivê-lo, como um filme na sua mente, com as cores e sons extraordinariamente nítidos, um impacto dramático avassalador. Ele estava talvez a trinta metros, delineado por uma solidão quase palpável, imóvel, a estudar um cacho de uvas esmagado no punho grande. Era alto, com uma força elegante. Amy não conseguia parar de olhar. O mistério à volta dele despertava-lhe a imaginação.

O sumo das uvas escorria-lhe pelo braço. Havia fúria e cansaço na tensão dos ombros e fragmentos de violência na forma como apertava os bagos esmagados. O sumo escorreu-lhe para cima dos pés descalços e sujos. A *t-shirt* branca estava manchada de suor à frente e debaixo dos braços; as calças largas e amarrotadas eram de um verde feio, sujas de terra nos joelhos. Estavam descaídas sobre as ancas, como se estivessem prestes a cair. A única coisa que as impedia de deslizar era um cordão atado num nó descuidado.

Não tinha chapéu e o cabelo negro e espesso era revoltado. A barba por fazer ensombrou-lhe as faces. Tinha os olhos escondidos atrás de óculos de sol pretos normais, mas o rosto, com um perfil forte e ostensivamente masculino, era tudo menos vulgar.

O homem atirou as uvas para o chão e cambaleou um pouco. Depois, manejando uma tesoura afiada tão depressa que Amy susteve a respiração, assustada, cortou um cacho de uvas mais pequeno e enfiou-o na boca. Arrancou as uvas com os dentes e atirou o caule vazio por cima do ombro.

– Um bêbado atrevido, não é? – murmurou alguém.

Amy continuou a fitá-lo, de boca aberta. Os outros riram-se. A qualquer momento, Beaucaire apareceria no carreiro entre as latadas, furioso, e faria uma cena. Seria um divertimento espetacular.

O que faria o recém-chegado a seguir? Para um homem tão sujo e, aparentemente, tão embriagado, ostentava uma aura de arrogância graciosa. Mas depois ele aproximou-se do poste que segurava uma das latadas e apoiou-se pesadamente nele, com a cabeça encostada ao braço. Já não parecia imponente. A fadiga parecia pesar em todos os músculos do seu corpo. Amy cerrou os punhos, com a simpatia de um inadaptado por outro, mas ao mesmo tempo com vontade de lhe ralhar por estar a fazer aquelas figuras tristes.

Não se atreveu. Ele parecia perigoso – as mãos sujas eram grandes e fortes; os antebraços, secos e musculados. Usava a solidão como um escudo. Cambaleou e olhou fixamente para o chão, como se estivesse à procura de um sítio onde cair.

– Lá vai ele – disse um homem perto de Amy, em tom divertido. – Vai cair de cara.

Porém, passado um momento, o homem largou a tesoura dentro de um balde e afastou-se do poste. Com passo inseguro, dirigiu-se a uma caixa de madeira no fim do carreiro e desapareceu atrás dela.

Amy susteve a respiração, à espera que ele reaparecesse, mas tal não aconteceu.

– Alguém que vá chamar o senhor Beaucaire – propôs um dos trabalhadores. – O tipo está atrás da caixa a dormir, a vomitar ou a mijar numa roseira.

Amy virou-se para os outros.

– Não! Eu vou ver o que ele está a fazer. Não digam nada ao senhor Beaucaire. Estou a falar a sério!

Todos olharam para ela. Era a primeira vez que a ouviam proferir frases completas. A própria Amy estava chocada com a sua reação.

– Eu... hã... acho que ele... deve estar maldisposto.

– Ora, ora, louvado seja o Senhor. Até que enfim ouvimos a Olívia Palito soltar mais do que um guinchinho.

Todos se riram. Amy não sabia onde se enfiar. A sua voz envergonhava-a sempre, quando se esquecia de a controlar. As pessoas riam-se nas suas costas; ao longo dos anos de escola fora alvo da troça dos colegas. Cerrou os lábios com força e rangeu os dentes como se conseguisse esmagar o que a fazia ter aquela voz. Morria de medo de arranjar um emprego onde tivesse de falar. Passava horas em claro a pensar nisso.

Agora, contudo, afastou o embaraço e dirigiu-se à caixa com passo rápido e o coração aos saltos. Atrás dela, uma mulher gritou:

– Deixa esse desgraçado em paz! Vamos chamar o senhor Beaucaire!

Amy continuou a andar. Talvez por solidariedade com todos os inúteis deste mundo, ou talvez por ser especialista em bêbados desagradáveis, sentia que havia um bom motivo por trás dos problemas daquele homem.

A incerteza apertou-lhe o estômago. Abrandou ao chegar junto da caixa e parou à escuta. Ouviu apenas o som das folhas das videiras agitadas pelo vento quente. Em bicos de pés sobre a relva seca, contornou a caixa enorme e espreitou.

Ele estava deitado de costas. Despira a *t-shirt* e colocara-a debaixo da cabeça, à laia de almofada. O peito peludo subia e descia, lenta e ritmadamente. Tinha as mãos ao lado da cabeça, com as palmas viradas para cima, sujas de sumo de uva mas ainda assim graciosas.

Amy avançou em silêncio, fascinada. Ele estava a dormir, mas não havia nada de vulnerável ou relaxado no seu rosto. A boca continuava fechada e tensa. Por cima dos óculos de sol, a testa estava franzida. De perto, parecia mais jovem, talvez não mais de trinta anos.

Deslocou o peso de um pé para o outro e olhou consternada para a figura adormecida. Talvez fosse melhor deixá-lo enfrentar o seu destino. Inclinou-se e inspirou fundo. O cheiro do suor dele misturou-se com o aroma doce das uvas, o cheiro da terra vermelha e um leve odor antisséptico que a surpreendeu. Conhecia bem os cheiros a álcool e a marijuana, e nenhum deles estava presente.

Mais tranquila, ajoelhou-se ao lado dele. Tirou os óculos de sol e guardou-os no bolso da camisola. Com a mão a tremer, tocou-lhe no ombro.

– Ei... Ei, acorde.

O homem despertou com um sobressalto, levantou a cabeça e ficou parado a olhar para ela. Amy afastou a mão. Os seus olhos estavam escondidos pelas lentes escuras, mas sentiu-se como se ele a estivesse a estudar furiosamente. Atrapalhada, tentou soltar a garrafa de água do cinto. Não podia fazer mais nada senão seguir em frente e rezar para que ele não gritasse com ela.

– Tem de se levantar – avisou, em tom urgente, oferecendo-lhe a garrafa.
– Vai ser despedido se ficar aqui. Já foram chamar o senhor Beaucaire. Vá, beba um gole de água. Vai sentir-se melhor. Levante-se.

Ao ver que ele não respondia nem se mexia, o nervosismo deu lugar à irritação.

– Não seja idiota! Tem ar de quem precisa deste trabalho! Beba um bocadinho de água! Hã... *Habla usted ingles? Si? No? Vá lá*, não sei dizer mais nada em espanhol. Fale!

– Preferia ouvir-te dizer qualquer coisa. Parece que consegues falar o suficiente por nós os dois, e gosto da tua voz.

Como que hipnotizada, Amy olhou para ele. O seu inglês era excelente, mas falava com sotaque. Contudo, não era espanhol, mas sim uma outra pronúncia que ela não conseguia identificar. Aquela voz invadiu-lhe os sentidos – profunda, quente, bela. Estava um pouco rouco por causa do cansaço mas o efeito era inesquecível.

– Tome – guinchou, aproximando a garrafa da boca dele. – Vai sentir-se melhor depois de beber.

Ele pousou de novo a cabeça na *t-shirt* dobrada, com a exaustão estampada nas linhas do rosto.

– Não, obrigado. – Levantou a mão e afastou a garrafa. – Só preciso de descansar.

Amy não sabia porquê, mas estava desesperada para o ajudar a não se meter em sarilhos. Ele devia estar demasiado cansado e doente para conseguir pensar.

– Vai ser despedido!

– Não, garanto-te...

– Beba um gole. – Amy enfiou-lhe a ponta do tubo de plástico da garrafa entre os lábios e apertou com força. O homem tentou engolir o jato de água e quase sufocou. Empurrou a garrafa e sentou-se, engasgado.

Uma torrente melódica de palavras numa língua estrangeira brotou-lhe dos lábios e Amy não precisava de compreender para saber que ele ficara aborrecido. Apertou a garrafa de água contra o peito.

Quando acabou de falar, ele tirou os óculos de sol e fitou-a com ar severo. Amy estava assustada mas demasiado deslumbrada para conseguir fazer outra coisa a não ser olhar para ele. Ninguém diria que era um homem bonito; na verdade, tinha o nariz torto, as maçãs do rosto proeminentes e a boca quase demasiado masculina. Era uma expressão dura, *à la* Bogart, e o efeito era intensificado por uma fina cicatriz branca que começava dois centímetros abaixo do lábio inferior e desaparecia debaixo do queixo.

No entanto, tudo isso o tornava atraente, de uma forma como Amy nunca vira. E os olhos, grandes e escuros no rosto duro, pareciam ter sido herdados de uma ascendência diferente, mais elegante.

– Você não... não é um dos trabalhadores habituais – balbuciou, confusa.

– Não.

– Está doente, ou coisa do género?

– Coisa do género – respondeu ele, com ar pensativo. – Estou cansado... apenas cansado. Já passa.

– Oh... está bem. Desculpe tê-lo incomodado. – Começou a levantar-se mas ele segurou-lhe no braço.

– Não vás. Não queria correr contigo. Vá, dá-me lá a água. Talvez tenhas razão e ajude.

Enquanto ela o fitava, espantada, ele bebeu lentamente. Amy teve um momento embaraçoso em que não conseguia desviar os olhos do movimento fluido dos músculos do pescoço e do peito dele. Por fim, o desconhecido baixou a garrafa e inspecionou-a melhor. Tinha a pele em torno dos lábios tensa e pálida. Pestanejou, com ar ensonado, e devolveu a garrafa.

– Fizeste-me sentir bastante melhor. *Merci*. – Os lábios curvaram-se num sorriso de esguelha que eliminou toda a severidade da sua expressão.

Amy susteve a respiração e a timidez regressou como um manto sufocante. *Merci*. Ele era *francês*. Maurice Chevalier. A Torre Eiffel. Paris. Beijos de língua.

– Não desmaie, está bem? Adeus. – E levantou-se de um salto.

– Um momento, bela salvadora. Comportas-te sempre assim?

– Assim c-como?

– Partir sem aceitar a gratidão do teu...

– *Mon dieu!* – O senhor Beaucaire contornou a caixa de madeira e parou com as mãos nas ancas. Lançou um olhar fulminante a Amy, que se sentiu mirrar. – Não a contratei para namorar, contratei-a para apanhar uvas.

– L-lamento. Estava só a...

– É uma inútil! Aproveita-se de um bom salário e faz-me perder o meu tempo. – Olhou dela para o homem e de novo para ela. – A minha vinha não é lugar para vida social. Não admito que não esteja a trabalhar. Quer perder o emprego?

Amy soltou uma exclamação aflita.

– Ele estava a sentir-se mal, mas já está melhor. E só vim dar-lhe um pouco de água!

– Eu também já fui novo, sabe? Sei muito bem como as raparigas arranjam desculpas...

– Pio, *non* – afirmou o homem sentado no chão em tom autoritário.
– Chega.

Amy estava desesperada.

– Por favor não nos despeça.

– Não *vos* despeço? – perguntou o senhor Beaucaire. – Quem é que acha que se portou mal? – Apontou para o desconhecido. – Ele?

– Não! – Amy apontou para o homem que estava agora a tentar pôr-se de pé, impaciente. – Olhe para ele. Ele... ele mete dó! E é *francês*, como o senhor. Dê-lhe um desconto. Eu estava só a tentar ajudar.

– A tentar arranjar problemas, mais precisamente. A tentar cair nas boas graças de...

– Pio, *arrêt*. – A voz do homem mais novo impôs-se. Depois de se endireitar, era muito mais alto do que ela e do que o senhor Beaucaire, que o fitou com alguma surpresa.

Seguiu-se uma longa conversa em francês. O tom de voz do senhor Beaucaire tornou-se submisso e corou. Olhou para ela de lado, atrapalhado. Amy começou a compreender a verdade chocante e as suas pernas perderam a força.

– As minhas desculpas, *mademoiselle* – disse finalmente o senhor Beaucaire, em tom frio e seco. – Não compreendi bem a situação. O doutor de Savin já me explicou tudo. Naturalmente que não terá qualquer problema.

O doutor de Savin? Amy perdeu toda a coragem gerada pela adrenalina e fitou o chão.

– Obrigada. – E afastou-se apressadamente, sem olhar para trás.

Voltou para o seu lugar entre as videiras e trabalhou arduamente, vermelha como um tomate. Doutor de Savin. Da casa vinícola de Savin. Era tão novo! Mas era também o dono de tudo aquilo: ela importunara-o, quase o afogara com a água e depois dissera que ele metia dó. Recusou-se a levantar os olhos e a responder às perguntas dos outros trabalhadores. Só os últimos fragmentos de orgulho a impediam de se ir embora e não voltar mais.

O senhor Beaucaire passeou pelas videiras e Amy mirou-o pelo canto do olho. O administrador caminhava de costas muito direitas, com passo

digno e furioso. Alarmada, percebeu que o tinha metido a *ele* em sarilhos. O doutor de Savin defendera-a – e nunca ninguém o fizera antes.

Minutos depois, o doutor de Savin apareceu do lado do carreiro onde ela estava. Sem dizer uma palavra, baixou-se, pegou no balde de uvas dela e dirigiu-se ao atrelado onde estavam os caixotes.

Amy seguiu-o com o olhar, boquiaberta. Quando ele voltou, pousou o balde vazio e continuou a andar, dirigindo-lhe apenas um aceno. Atônita, Amy viu-o dirigir-se ao fim da vinha e pegar na camisola que colocara num poste da latada. Quando se virou, viu que ela o olhava. Com ar perfeitamente sincero, fez uma vénia.

Ia-se embora. Uma adoração profunda cresceu no peito de Amy. Perguntou a si própria se o voltaria a ver e combateu a vontade de chorar. Acontecera-lhe finalmente algo maravilhoso. Levantou a mão, numa saudação silenciosa ao nobre que acabara de causar uma impressão inesquecível na escrava que trabalhava nas suas vinhas.